

Disseminação em Dyonélio Machado: abrindo intertextualidades em seu acervo

*Disseminating Dyonélio Machado:
opening intertextualities over its
archive*

Jonas Kunzler Moreira Dornelles*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul

Pedro Theobald **

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: jkdornelles@hotmail.com.

** Doutor em Letras e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: perth@puers.br.



Resumo: Autor proscrito na maior parte de sua vida, Dyonélio vem ganhando nas décadas recentes uma crescente recepção, que indicam novos acessos a sua obra. O artigo busca apresentar brevemente seu acervo e os principais textos produzidos a partir do conjunto de centenas de entrevistas, originais, fotos e correspondências reunidos lá. Em seguida, busca-se refletir a presença da intertextualidade e da ironia em algumas amostras do acervo, e da obra de Dyonélio, de maneira que nesta correlação entre literatura e os paratextos públicos e privados do acervo, possa-se sugerir um caminho de reconfiguração para a recepção e interpretação da obra do escritor gaúcho.

Palavras-chave: Dyonélio Machado; Acervos literários; Memória Literária; Literatura Brasileira.

Abstract: Cursed author for the most of his literary life, Dyonélio Machado has been gaining in recent decades a growing reception, which have been pointing out new accesses to his work. The article seeks to briefly present its documental archive, and the main texts produced from material gathered there. Then, the paper search to think on the presence of intertextuality and irony, with some samples extracted from the collection and the work of Dyonélio, trying to stablish in this correlation between literature and the public and private paratexts, a path of reconfiguration for the reception and interpretation of the work of the southbrazilian writer.

Keywords: Dyonélio Machado; Literary archives; Literary memory; Brazilian literature.

Recebido em 20 de setembro de 2018

Aprovado em 19 de dezembro de 2018

DORNELLES, Jonas Kunzler Moreira; THEOBALD, Pedro. Disseminação em Dyonélio Machado: abrindo intertextualidades em seu acervo. *Léguas & Meia*, Brasil, n. 9, v. 1, p. 66-80, 2018.

1 INTRODUÇÃO

Dyonélio Machado é um daqueles autores que mostra a importância do trabalho de recepção para a significação da obra. Foi o dedicado esforço de leitores, pesquisadores, críticos, amigos, familiares, que logrou afinal produzir uma recepção qualificada, quase póstuma, que lhe permitiu ver ainda em vida alguns de seus originais finalmente publicados, após décadas de recusas e ostracismo. Mas ainda que tenha hoje um lugar bastante assegurado na instituição literária, a obra de Dyonélio Machado parece produzir até hoje certo estranhamento em quem se dedique para além de seus livros mais conhecidos. É um autor cujo processo de recepção e interpretação permanece bastante em aberto.

Parte do estranhamento que sua obra causa poderia ser pelo caráter tardio de sua recepção, que diferente de outros autores próximos, como Érico Veríssimo ou Graciliano Ramos, só iria se efetivar no final dos anos 1970, quando enfim começam-se a publicar numerosos originais que Dyonélio teria escrito a partir dos anos 1940, e que concluía as obras iniciadas nos livros que pôde publicar. Seria assim muito posteriormente que o mistério da significação de sua obra teria tido oportunidade, com a publicação de seus livros, de ser investigado adequadamente.

Mas pode-se tomar outra via de investigação, ao considerar hoje o grande conjunto de sua obra já publicado, buscando-se equacionar esta produção em uma totalidade característica, que poderia carregar essa marca de “obra de Dyonélio”. Fariamos tal generalização buscando definir temas, repertórios retóricos, o desenvolvimento de sua poética. De maneira algo apressada, poderíamos elencar como sugestão dessa marca temática o tema da perseguição política, o viés dos pobre-diabos, os efeitos psicológicos do desamparo, o estilo despojado e quase seco das descrições, etc.

Me parece que mesmo que fossemos sofisticando esta caracterização de maneira mais refinada, ao retornarmos para sua obra, seria possível encontrar um grande conjunto de rebeldias que escapariam de nosso olhar ordenador. Aonde situaríamos a obra *Fada* (MACHADO, 1982) neste todo? E seu primeiro romance, *O Estadista*, escrito em 1926 mas só publicado em 1995? Além do mais, se focamos em suas obras mais reconhecidas, como *Deuses Econômicos* (MACHADO, 1976), esta parece não se reduzir nem aos óbvios critérios de gênero, já que em muitos trechos a obra se distancia do romanesco para se aproximar do ensaístico, trabalhando com materiais intertextuais os mais diversos, inclusive antecipando a correlação de Jesus Cristo com os essênios, alguns anos antes da primeira tradução dos manuscritos do mar morto, onde a teoria desta conexão pode se efetivar (LAPERROUSAZ, 1992).

É por conta disto que poderíamos chamar de verdadeiro enigma interpretativo, algo que continuamente desliza quando interrogamos o “sentido da obra” de Dyonélio, que a importância do agrupamento, catalogação, conservação e divulgação de seu acervo, se constitui como tarefa cada vez mais fundamental ainda hoje. Se por um lado temos o caso bastante particular de um escritor proscrito, que só ganha um amplo reconhecimento quase ao final da vida, por outro temos uma obra que insiste em não enquadrar-se muito bem nas caracterizações que lhe são feitas.

Gostaria de propor assim que uma abertura intertextual, onde os elementos da obra dialogariam com outros textos, permitiria multiplicar as abordagens críticas e renovar o interesse por um autor ainda pouquíssimo estudado. Como afirma Barthes (1964), o jogo de engano crítico consiste sempre em

[...] tomar cada variação do escritor por um tema sólido, cujo sentido seria imediato e definitivo. Esse engano não é irrelevante, ele constitui a própria literatura, e mais precisamente aquele diálogo infinito da crítica e da obra, que faz com que o tempo literário seja tanto tempo dos autores que avançam quanto o tempo da crítica que o retoma, menos para dar um sentido à obra enigmática do que para destruir aqueles de que ela está imediatamente e para sempre sobrecarregada. (BARTHES, 1964, p.13).

Um pensador da teoria da recepção como Jauss (1979) também busca pensar como o processo de reconhecimento institucional, a canonização mesma do autor, passa por etapas de sedimentação de camadas de “interpretação estética” idealizadas, fazendo com que o sentido da obra torne-se assim mais facilmente identificado pelo público, mas interrompendo as futuras recepções da obra, já que novos leitores passariam a lê-la só para reconhecer aquele sentido já posto durante a canonização.

A abordagem intertextual que a Literatura Comparada proporciona, desagrega o sonho de unidade textual e joga para as relações entre diferentes discursos a estratégia investigativa sobre a interpretação de um texto. O desafio seria então identificar alusões, citações, paródias, inseridos na própria tessitura do discurso poético, de maneira a encontrar os diálogos que o texto estabelece. No caso específico de Dyonélio esta tarefa se apresenta colossal, já que seu texto era eivado de citações em latim, implicações psicanalíticas, digressões historicistas. Tentemos alguns aportes indicativos deste debate, a partir da indicação da intertextualidade que podemos encontrar nos paratextos do acervo.

2 O ACERVO LITERÁRIO DYONÉLIO MACHADO (ALDM)

Um ano após o falecimento de Dyonélio, em 1986, seu acervo foi reunido por pesquisadores em conjunto com familiares, passando a ser acomodado no Centro de Pesquisas Literárias do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, onde seria catalogado e organizado através do Projeto Acervos Literários, com os cuidados da prof^ª dr^ª Maria Zenilda Grawunder, e sob coordenação da prof^ª dr^ª Regina Zilberman. O acervo passaria recentemente a integrar, junto com outros conjuntos de coleções, o Espaço de Documentação e Memória Cultural Delfos, quando este é inaugurado em dezembro de 2008.

Reunindo documentação e peças de dezenas de acervos, com um total de centenas de milhares de itens, o Delfos fica situado no 7º andar do prédio da Biblioteca Central Irmão José Otão, localizado no campi central da PUCRS em Porto Alegre. Junto com as outras coleções, o Acervo Literário Dyonélio Machado (ALDM) ganhou com esta mudança mais visibilidade, facilidade de acesso, e maior disponibilidade de infraestrutura, possuindo estrutura de salas de pesquisa e melhor espaço para arquivamento. Seu acervo material hoje se constitui por um total de 28 caixas de plástico poliondas transparente, contendo centenas de documentos, recortes de jornal, entrevistas, fotografias, correspondências e originais de suas obras.

Este conjunto não deixa de crescer quando da localização de um novo registro, e tem sido investigado por diversos pesquisadores, que produziram alguns trabalhos bastante importantes a respeito. Além disto, desde que o acervo foi reunido, buscaram-se formas de publicar os originais ali contidos, fixando textos que antes se encontravam

inéditos, sendo que três originais contidos no acervo já foram editados e um último, Terceira Vígilia, segue ainda sendo investigado sem publicação (RAABE, 2016).

Das obras críticas, que buscam pensar o acervo de Dyonélio, a Instituição Literária: análise e legitimação da obra de Dyonélio Machado (GRAWUNDER, 1997) foi uma das pioneiras. Originalmente uma pesquisa para a dissertação de mestrado defendida pela organizadora do acervo em 1989, este texto foi bastante responsável por reconfigurar a crítica póstuma de Dyonélio. Analisando as etapas de ostracismo e legitimação que sua obra passara até então, Maria Zenilda Grawunder realiza um painel histórico das diversas fases de recepção, reunindo com grande competência teórica, somado a uma excelente abordagem empírica do acervo, e definindo uma interpretação sobre o processo de legitimação da obra de Dyonélio.

Elencando os diversos contrastes entre sociedade e discurso pessoal do autor, Grawunder aplica com sucesso a análise institucional de Jacques Dubois ao caso de Dyonélio, que serve tanto como exemplo bem sucedido de aplicação desta abordagem, como de explicação teórica das etapas de recepção do autor gaúcho. A partir das bases documentais havia pouco reunidas, conseguiu indicar muito do caminho das interpretações posteriores acerca do legado do autor.

Em seguida veio Memórias de um pobre homem, obra memorialística do autor escrita na década de 1970, mas só publicada postumamente nos anos 1990, quando do processo de reunião e catalogação do acervo. Será o primeiro dos originais encontrados no espólio do autor a ser publicado. Obra deixada incompleta por Dyonélio, que dizia ser muito “fora de sua simplicidade” escrever suas memórias (MACHADO, 1995, p.50), o livro se constitui por uma série de capítulos digressivos, que reunidos geram um relato primordial sobre a visão íntima do autor sobre sua própria trajetória pessoal.

Esta obra receberá a seguir uma segunda edição, acrescentada a um conjunto de entrevistas selecionadas, e outro original ainda não publicado até então (desta vez do romance inédito O Estadista), no volume intitulado O Cheiro da Coisa Viva (1995). Estes depoimentos, entrevistas e reflexões dispersas revelarão ainda mais as opiniões e o caráter da figura ímpar que era Dyonélio, numa obra que consegue apresentá-lo em toda sua complexidade. Para muitos que não tiveram condições de conhecê-lo em vida, esta obra apresenta, talvez pela primeira vez em um só volume, o conjunto plural de interesses e assunto aos quais se dedicava.

Em 2014 teremos a publicação do original Proscritos, escrito no ano de 1964, em pleno acontecimento da Ditadura Militar. Longos 50 anos passaram-se antes desta obra poder vir a luz, e o processo de fixação do texto pode ser encontrado no trabalho do pesquisador Camilo Raabe (2014a). No mesmo ano também seria publicado, em edição digital, o livro Com a palavra, Dyonélio (AGUIAR, RAABE, et. al., 2014), que reuniria (agora na íntegra) um conjunto substancial de transcrições de entrevistas arquivadas no acervo, além de publicar de algumas fotos especialmente raras de Dyonélio, contidas no acervo. A publicação destes textos em formato digital permitiu não só a facilidade de acesso a pesquisadores, como a agilidade na citação destes materiais, antes dispersos em periódicos, jornais antigos, ou inacessíveis entre os registros privados de Dyonélio.

Além das citadas acima, podemos indicar como textos representativos das pesquisas dedicadas ao acervo, também aquelas que trabalharam por via da crítica genética os originais de Dyonélio, como Manuscritos de um pobre homem (FERNANDES, 2010), que pesquisou o processo de construção ficcional do único livro de contos do autor, Um Pobre Homem, e Criação literária por Dyonélio machado: a gênese de Os Ratos (RAABE, 2011) que se centrou no processo de escritura de Os Ratos, também analisando por um viés genético os originais de Os Ratos, contidos no acervo.

Mais recentemente, o trabalho de compilação e reedição de *Um Pobre Homem*, publicado pela editora Siglaviva, que numa resultou numa edição acrescida de todos os contos do autor que se teve notícia até então (MACHADO, 2017). Por fim, também textos recentes que trabalham com a correspondência arquivada na coleção, como KOHLRAUSCH (2012).

3 O DEMÔNIO DA ANALOGIA EM DYONÉLIO

Palavras desconhecidas cantaram seus lábios,
farrapos malditos de uma frase absurda?
(MALLARMÉ, 1995, p.31)

Uma das relações intertextuais pouco analisadas até então em Dyonélio, que o acervo permite resgatar, é sua relação com o simbolismo francês na juventude. Algumas fontes importantes indicam essa influência original em sua trajetória, como Rodrigues Till (1995), que tendo pesquisado paralelamente à constituição do ALDM, encontrou documentação importantes em outros arquivos, cartórios e centros comunitários, distintas daquelas até então catalogadas. Till irá contar, em um dos capítulos de sua obra, sobre o encontro do registro de nascimento de nosso autor, batizado oficialmente de Deonélio Tubino Machado. Till afirma que “y” posterior em seu nome fora na verdade uma substituição pessoal, comum em outros escritores de sua geração: “Esta adoção do “y”, que era uma das manias dos poetas simbolistas, entre tantas outras, ficou celebrizada com a justificativa de Álvaro Moreyra, na explicação constante de seu livro famoso *As amargas, não...*” (TILL, 1995, p.19).

Contemporâneo de Dyonélio, Álvaro lembra que sua geração teve muitas influências literárias, e que críticos e amigos viviam lhe colocando em alguma corrente: escola parnasiana, simbolista, penumbriista, futurista, modernista, católico... “Ora eu não pedi matrícula em nenhuma dessas escolas! Na verdade eu sempre fui um grande gazeteiro” (MOREYRA, 1990 p.38). Em seguida, lembrará que muitos implicaram com a adoção do “y”, como João Luso, que disse em uma crítica a seu primeiro livro, “Álvaro Moreyra... a implicância desse “y” e a vontade que se tem de errar este nome!”. Ou Monteiro Lobato: “Já neste “y” grego começa o trabalho de estilo em Álvaro” (MOREYRA, 1990, p.49). E então o poeta e cronista arremata:

Eu podia lembrar aos amigos e ao público geral que, descendendo de portugueses, encontrei no passado numerosos Vieyras, Ferreyras, Silveyras. Não lembro. Conto-lhes que eu me chamava mesmo com “i” e que, certo dia, um jornal de Porto Alegre trouxe uma notícia assim: ‘Meliantes. Ontem à noite, pela cidade baixa, Álvaro Moreira e o seu costumado grupo andavam oferecendo à venda um gramofone. A polícia desconfiou da origem do instrumento e meteu os meliantes no xadrez.’ Eis aí porque aconteceu o meu “y”. Porque eu sempre tive medo das confusões. Isso, aliás, não evitou que surgissem, mais tarde, dois novos Álvaro Moreyras, fazendo coisas que eu nunca fiz... (MOREYRA, 1990, p. 49).

Como vemos por esta anedota, ainda que adotassem certa identificação com o charme importado, certos poetas desta época buscavam também disfarçar esta influência determinante. Dyonélio lembrará, em suas memórias, do breve período da chamada República do Império, onde junto com outros estudantes, viveria uma experiência literária repleta de mitologias pessoais. Não custa lembrar também que nos anos 1920, Porto

Alegre (assim como Minas Gerais) possuía uma distinta recepção simbolista, em contraste com o parnasianismo em voga na capital federal, o Rio de Janeiro (FISCHER, 2004).

Em seu discurso de posse da Academia Riograndense de Letras (publicado no jornal *Correio do Povo*, edição de 1 de dezembro de 1979), homenageando o poeta simbolista Eduardo Guimaraens, do qual o assento na Academia escolheu ocupar, Dyonélio lembrará em detalhes o convívio do grupo da República do Império com o grupo do poeta simbolista. Retomando a localização da moradia do grupo por via do acervo, situamos a república estudantil do grupo de Dyonélio onde hoje fica a Rua Fernando Machado.

Éramos um grupo, a perambular errante pela Praça da Harmonia... éramos praticamente contemporâneos do Naturalismo, do Simbolismo. Os canhões troavam na maior guerra que a humanidade até então se empenhara – a Primeira Guerra Mundial. Já surgira o cinema, o automóvel. Nossos olhos, porém, estavam voltados para as grandes construções que, no terreno da literatura e da arte [...]. Misture você tudo isso, aqueça ao calor da uma mocidade entusiasta e sonhadora. Terá assim, não só a decifração de nossa formação literária, como um dos característicos da minha geração (MACHADO apud AGUIAR, RAABE, et. al., 2014, p.18).

A relação do grupo de literatos com a praça é outra referência que acabamos descobrindo no acervo, através de algumas edições do jornal *Zero Hora* sobre o Parque, em que Dyonélio rememorava sua juventude passada naquele local. Enquanto seu grupo frequentava o ainda algo selvagem Parque Harmonia, que não possuía ainda a estrutura que hoje vemos neste, o grupo de simbolistas de Eduardo Guimaraens frequentava a Praça da Caridade, em frente da Santa Casa, hoje Praça Dom Feliciano. Os grupos tinham como que uma amigável rivalidade poética, misturada com uma parte de admiração por parte da geração mais jovem do grupo de Dyonélio.

Partindo destas referências, gostaria de desenvolver a sugestão de uma força analógica na textualidade de Dyonélio, que viria desta fonte original da experiência simbolista juvenil. A força sugestiva de poetas como Paul Verlaine ou Stéphane Mallarmé, força que é talvez a estratégia central da poética destes autores, teria deixado uma marca determinante no autor gaúcho, ao ponto de encontrarmos em sua produção posterior um verdadeiro “demônio da analogia”, no qual uma digressão radical de correlações se apresenta como que ameaça constante a unidade de significação do texto.

No conto de Mallarmé que leva este título, as palavras desconhecidas que o narrador pensa escutar se “desprendem da suspensão para um vazio da significação” (MALLARMÉ, 1995, p.31). As interpretações convencionais ganham ar de inverdades, e o murmúrio dos vocábulos erram por entre a boca, tornando-se quase como que mera “magia nervosa”, mas que ao final do texto, no entanto, encontrarão como um reflexo presente na materialidade sobrenatural, um simulacro/sombra de palavras, antevista pelo narrador como num susto.

Em Dyonélio teremos o “demônio da analogia” como dispositivo analógico de um recorrente “como se...” das descrições, aliado a uma maquinaria intertextual de citações em francês, latim e até grego, já presentes desde de seus primeiros registros documentais, que apontam para uma multiplicidade intertextual de deslocamentos de sentido, o que por muitas vezes serviu para irritar críticos brasileiros ciosos de significação. As citações em línguas estrangeiras, que se multiplicam em suas digressões, foram muitas vezes objeto de desprezo, e acusava-se Dyonélio de não agradar o leitor

comum e mediano, de ser pouco acessível. Quando seus livros eram enfim lidos, eram acusados de “não possuírem forma”, como no caso de *O Louco do Cati* e *Deuses Econômicos*, dois de seus mais importantes livros e que se aproximam de formas paródicas e/ou ensaísticas, gêneros textuais que não por coincidência possuem pouca rigidez formal.

Já no conto de abertura de seu primeiro livro de ficção, teremos o impulso analógico em franca operação. O Velho Sanches, o encadernador estudioso dos Clássicos, que como “era a Ilusão...” (MACHADO, 2017, p. 26), ao se deparar com uma comitiva de Borges de Medeiros, projeta sobre ela a imagem do Imperador Romano, pensando antes nas figuras da Antiguidade, do que naquilo que via a sua frente: o Governador do Estado era “como se” fosse Otávio Augusto, imperador de Roma.

O mesmo movimento de projeção analógica, do passado sobre o presente, ocorre nas obras *O Louco do Cati* e *Deuses Econômicos*. No primeiro temos o quartel do Cati que volta “como se” fosse o Estado Novo, na acusação do Louco “Isto é o Cati!” sobre a realidade de 1935. No segundo, temos a própria construção romanesca, o projeto mesmo do livro, onde “o passado contamina o presente”, nesta correlação do Império Romano dos tempos de Nero com os regimes de exceção que vigorariam no presente momento da escrita da obra. Getúlio e/ou os militares da ditadura de 1964 seriam “como se” o estado de exceção populista de Nero, quando o apelo aos gostos populares atinge uma catarse desmedida e vira populismo.

Além disto, o movimento analógico aparece muitas vezes na própria textualidade de suas obras. Exemplificando neste trecho de *O Louco do Cati*, onde o pescador Seu Turíbio entra em cena:

Trazia um passageiro, que desceu com um rangido surdo, interior, como tem os móveis pesados quando se os muda de lugar. [...] ele se destacou do banco do caminhão e rolou suavemente pela esplanada cheia de sol. O movimento dos quadris, com o movimento em sentido contrário do tronco, quando marchava, fazia, no seu conjunto, um movimento harmonioso de parafuso que vai e vem, dando quase a ilusão de que o sujeito não progredia e ficava esburacando o chão, sempre no mesmo lugar. (MACHADO, 1979, p. 39)

Esta característica contaminação de um plano para outro se multiplica ao longo da obra. A estrada que os viajantes veem, enquanto dirigem para seu veraneio no litoral, “repassava rápida sob os seus olhos, como se fosse enrolar num cilindro mais atrás, qual uma fita.” (MACHADO, 1979, p.17). Adiante veremos a figura do polvo, numa repetição em planos distintos: primeiro para manifestar a extensão do poderio de um comerciante litorâneo, o Seu Ricardo (idem, p.24), depois na lembrança do poderio que o Cati exercia sobre a região em sua época (idem, p.28), para aí de fato se manifestar no espectro de um polvo verdadeiro, avistado por outros excursionistas na beira da praia, mas não pelos protagonistas do livro (idem, p.54).

Não é só em *O Louco do Cati* que este plano de correlacionamento analógico entre signos distintos ocorre de maneira expressiva. Basta que lembremos a atmosfera de Desolação, onde a desolação dos cenários desérticos do litoral sulriograndense se projeta sobre a desolação existencial dos personagens. Ou então em *Fada*, onde as lendas e o fetichismo anímico do folclore rural se projetam sobre o casal de personagem, que desta maneira tornam-se “como se..” fadas, espadachins, numa sobreposição de analogias que por vezes confundem o leitor.

4 A IRONIA EM DYONÉLIO

Mas aproveitando o bordão de um de seus textos, que tornaria-se futuramente seu próprio epitáfio, inscrição no túmulo de Dyonélio, podemos dizer que haveria uma “ponte rápida e sonhadora entre dois mistérios” (MACHADO, 1979, p. 23). Ou seja, ainda que tenhamos a correlação analógica que funciona como “ponte rápida e sonhadora” entre um símbolo “como se” fosse outro, na ancoragem mesmo desta ponte simbólica, nas duas pontas que alicerçam a ponte, existe mesmo um mistério original que reside. Como no conto de Mallarmé, ainda que afinal se encontre uma correlação material para a sugestão, esta mesma é apenas uma sombra, um reflexo, uma sugestão.

Se encontramos a máquina analógica em franca operação ao longo de toda sua obra, criando em diversos níveis correlações do tipo “algo como se fosse outro”, estes mesmos símbolos passam a submergir em mistérios não-conceituais, que impedem de fundar uma objetividade positiva. Em toda leitura que busca resolver um sentido fechado pro texto, como resolvendo seu enigma, algo parece sobrar e rir dessa ambição delimitadora. É por isto que podemos chamar de verdadeiro “demônio da analogia” o mecanismo correlativo de Dyonélio, e não uma “divindade da analogia”, que fosse mensageira hermenêutica do sentido em Hermes ou iluminadora da ordem regradora de Apolo.

Pensem por exemplo a explicação convencional de uma de suas obras, *O Louco do Cati*. Comumente interpretado como alegoria crítica entre a guerra civil de 1893 e o Estado Novo de Getúlio Vargas (GRAWUNDER, 1995, p. 38). O texto também foi visto pelo crítico Flávio Moreira da Costa, no posfácio da quarta edição do livro, como o grande romance da ditadura latino-americana, talvez única obra deste gênero, escrita no Brasil.

Mas o que diz Dyonélio a respeito em uma entrevista? “Aquele comportamento, algo desligado, longe e alheio a tudo, quis sugerir alguma crítica ao sistema político? De forma alguma.”(MACHADO, 1995. p.29) E em outra entrevista: “O Graciliano Ramos escreveu sobre a ditadura getulista, eu não... eu fui amigo de Getúlio, um homem bem formado do ponto da cultura, e até estranho que um homem desses tenha sido um bandido”(idem, ibidem). E lembremos, Dyonélio teria sido preso sob o Estado Novo... não teria sido ele o primeiro a querer assegurar que *O Louco do Cati* seria uma crítica a este regime?

Este elemento irônico, que nunca permite analisar bem o que o enunciado quis dizer, seria uma verdadeira marca estilística, dispersa e sustentada também por sua personalidade pública e privada. Dyonélio por vezes parece ter sido bastante irônico em correspondências pessoais, como, por exemplo, uma carta que envia a Raquel de Queiroz, onde defende que editores de Portugal “traduzam” textos brasileiros, para efetivamente publicá-los por lá, já que no Brasil lhe parecia inviável no momento. (MACHADO, 1955). Pequenos traços, ambiguidades sutis, encontram-se dispersos em seu texto, rondando com uma ameaça de deslize àquele que se dispõe a escrever acerca deles. Uma insegurança sugestiva, algo demoníaca, dando por vezes a impressão de que “não teríamos entendido o livro” quando buscamos resumi-lo.

Pensem em mais uma indicação pontual mínima de *O Louco do Cati*. Entre os parágrafos marcados por reticências no início e no fim da obra, representativos da memória do Louco retornado à sua consciência, encontramos este:

Quando se havia baixado, muito sem jeito, para empurrar a roda de trás, um jorro de areia úmida varrera-lhe a face, salpicara aquele chapéu. Parecia o jacto de fagulhas

do rebolo do amolador, quando afiava as facas de mesa, na rua matinal, rodeado de guris [...] (MACHADO, 1979, p. 24).

Na reconfiguração do protagonista proposta em outro artigo (DORNELLES, 2017), propus que esta sugestão, do Louco afiando facas (num período entre guerra civis, onde a degola era comum em qualquer lado da disputa), somado a outras sugestões (como a postura sempre tensa do Louco em cena ou sua marcha muito adequada para longas distâncias) poderiam ser indicações de que o personagem tenha sido um ex-combatente em alguma das guerras civis que assolaram o Rio Grande do Sul, no período anterior ao tempo de narração. Talvez o Louco tenha chegado até a degolar, e sua busca ao final da obra seja não apenas morrer no quartel do Cati, mas talvez também alistar-se para matar, como podemos pensar sobre os demônios que zelam por “sua sinistra segurança”, nas páginas finais (MACHADO, 2013, p. 256).

Se esta interpretação é válida, a figura do Louco guarda uma ambiguidade que faz deslizar a interpretação convencional dele como uma apenas uma vítima, já que poderia chegar até mesmo a um assassino. E esta interpretação paradoxal, suspeita, inclusive poderia estar subscrita por Dyonélio:

Tudo quanto se vê nessa figura ainda não é bastante para abominá-la. [...] Certa crítica - algo importante no passado - esquece que ele foi menino, que teve pais. Mãe sobretudo. Que viu horrores na infância, a servirem como elemento para um futuro mentecapto. (MACHADO, 1995, p. 29).

Esta caracterização encontraria eco também num intertexto com Dostoiévski, autor do qual Dyonélio gostava muito, e com o qual por vezes era comparado. Um dos recortes mais antigos que constam no acervo, publicado em *Com a palavra, Dyonélio*, é uma crítica do autor feita sobre *Crime e Castigo*:

Foi porque, saindo das suas crises comiciais com a sensação doentia de ter cometido ‘um grande crime’, como confessa, ele pôde desse modo, pela introspecção, atribuir ao seu famoso personagem (e famoso só por isso) um estado mental mórbido que era aproximadamente o seu daqueles momentos. Donde se deduz que o fator verdadeiramente positivo de sua arte foi a doença (MACHADO apud AGUIAR, RAABE, et. al., 2014, 2014a, p.18) .

Dostoiévski teria sentido-se doente, e projetado sua doença sobre o protagonista de sua obra. Tal análise será repetida quase na íntegra, em uma entrevista quase 60 anos depois, por Dyonélio (MACHADO in AGUIAR, RAABE, et. al., 2014, p.60), mostrando a marca impressiva desta sobre a memória do autor. Dostoiévski teria escrito então *Crime e Castigo* a partir da consciência de sua doença, mas também da consciência de um crime. Que Dyonélio tenha escrito *O Louco do Cati* para recuperar-se do trauma da prisão, sublimando assim uma cardiopatia, isto já é bastante conhecido. (MACHADO, 1995, p.28). Mas pensar que ele também se percebesse como possível criminoso, e que assumisse em seu íntimo uma possível culpabilidade por uma prisão devida, isto é algo pouco desenvolvido, demasiadamente irônico e autoconsciente para a interpretação usual sobre a obra, já que ele se veria em parte responsável por sua prisão.

Cogitemos, por exemplo, aquele crime que ele identifica em sua primeira obra ensaística, como o crime necessário para o desenrolar de uma Revolução, sem os quais a Francesa não teria ocorrido: os assassinatos políticos, que chegam a alimentar-se por

motivações perversas (MACHADO, 2006, p.30). Dyonélio era amigo de Getúlio, mas talvez mais amigo de Luís Carlos Prestes...

Seria assim “como se” adotássemos em *O Louco do Cati* a epígrafe de Irmãos Karamazov, que abre o *Ruínas Mortas*, livro de Alcides Maya com o qual Dyonélio certamente tivera contato: “Na consciência dos criminosos há um fundo ignorado de bondade e justiça” (DOISTOÉVSKI in MAYA, 2002, p.5). O Louco teria, além de seu lado vítima sempre destacado pela crítica, também este lado “perverso”, o que cria dificuldades para as análises que buscam politizar o sentido do livro. Análises, digamos, à esquerda, o que soa bastante justo, já que Dyonélio foi deputado eleito pelo Partido Comunista do Brasil.

Lembremos no entanto de *Os Demônios*, outra obra de Dostoiévski, onde o crime político revolucionário está representado em seus limites mais perversos. A conclusão de que Dyonélio talvez tivesse autoconsciência do papel histórico do crime, e que buscou isenção em sua obra ao assumir um lado particular seu de culpabilidade, deixando sua escritura sem um centro moral identificável. Seria o reconhecimento de grandeza de um escritor que não buscou se reduzir a um partidarismo ou visão unilateral/monológica, já que teria absorvido também certo dialogismo, como aquela polifonia que Bakhtin identifica na obra do escritor russo.

Mas este breve exemplo configura apenas um dos diversos que poderíamos indicar, em que uma ironia radical ameaçar desconstruir as leituras consolidadas feitas sobre a obra de Dyonélio. Para ficar apenas mais em outro exemplo, em uma entrevista dada à Antônio Hohlfeldt e Ivone Bernhart no dia 21 de setembro de 1976, encontrada em uma fita cassete na caixa 27 do acervo (e transcrita em AGUIAR, RAABE, et. al., 2014), Dyonélio Machado, comentando sobre o grande conceito que atribui às mulheres, passa a refletir sobre como isto se apresenta em personagens de sua obra. Depois de um trecho de *O Louco do Cati*, ele se volta ao casal protagonista de *Os Ratos*:

Pois aquela mulher tinha uns níqueis – ela tinha vendido uns vidros e tinha uns níqueis. E tinha mais do que os níqueis que ela supunha que tivesse e ia emprestar para o marido.(...) E o Naziazeno faz uma coisa parecida. Ele não quer que a mulher seja superior a ele. Ele quer ser o homem que vai e sai, e tal e traz a coisa. E realmente o pobre trouxe. Aquela coisa. (MACHADO aoud AGUIAR, RAABE, et. al., 2014, p.112).

Ele irá então reinterpretar o drama de Naziazeno, as 24 horas de angústia de um pobre-diabo, como mera teimosia masculina, que não iria jamais aceitar submeter-se a superioridade e controle financeiro de uma mulher, e que por isto teria ido ao centro da cidade, totalmente desmantelado, em busca independente por auxílio financeiro para pagar ele mesmo o leiteiro. Ainda que este detalhe não reconfigure radicalmente a interpretação da obra, percebemos que Dyonélio relativiza o sentido central geralmente grave, atribuído a sua obra, de maneira a torcê-lo e interpretá-lo da maneira mais diversa e digressiva possível.

5 CONCLUSÃO: ABRE-SE O ACERVO, DISSEMINA-SE DYONÉLIO

A partir de alguns dos elementos elencados aqui, podemos definir por fim, que uma das funções do acervo de Dyonélio, assim como de outros acervos literários, seja preservar a abertura de interpretações que a obra do autor possa ter, resguardando a recepção futura de um possível fechamento numa interpretação estética canônica, como

previne Jauss (1979). Ainda que tal coleção carregue um peso institucional, a multiplicidade de textos arquivadas sob nome de um autor parece manter suspensa a genealogia dos desdobramentos críticos, frente a consolidação rígida de sentidos ideais que sua obra possa ter.

No caso de Dyonélio, esta situação é ainda mais aguda, dado que sua recepção qualificada teria sido muito posterior a produção dos textos, o que fez que por décadas houvessem mais incertezas que garantias. Além disto, seu estilo irônico, seu recurso à multiplicação de analogias, suas digressões intertextuais, os recursos historicizantes, tudo levou-o a residir em um espaço ambíguo, que escapa aos fechamentos interpretativos.

Podemos dizer que assim, em seu acervo, reside um repositório material que permite novas reconfigurações, coleções de rastros que sugerem revisões incessantes, novas disseminações que os intertextos permitirão ao leitor. No espaço entre a memória íntima do autor, suas cartas, originais, documentos, e a memória pública, o reconhecimento social das entrevistas, resenhas e prêmios, os intertextos permitem assim perfazer inovações, revisando os “mitos”, as repetições necessárias da legitimação, para que no intuito de assegurar reconhecimento extremamente digno a um autor riquíssimo, também não se enrijeçam as interpretações futuras que as recepções possam ainda efetuar sobre sua obra.

Referências

BARBOSA, Maria Helena; GRAWUNDER, Maria Zenilda (Orgs.). Dyonelio Machado. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1995. [Cadernos Porto e Vírgula].

BARBOSA, Maria Helena Saldanha. A paródia em: “O Louco do Cati”. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

BARTHES, Roland. Ensaio crítico. Lisboa: Edições 70, 1977.

DORNELLES, Jonas Kunzler Moreira. A prisão da moralidade em O Louco do Cati. in: Revista Nau Literária, Vol. 13. n. 01. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovitch. Crime e Castigo. São Paulo: 34, 2001.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovitch. Os Demônios. São Paulo, 34, 2004.

FERNANDES, Cláudia Denise Sanches. Os manuscritos de um pobre homem, de Dyonélio Machado, sob a visão da crítica genética. Porto Alegre: PUCRS, 2010

FISCHER, Luís Augusto. Literatura Gaúcha – História, Formação e Atualidade. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

GENETTE, Gerard. Paratextos editoriais. Cotia: Ateliê editorial, 2009.

GRAWUNDER, Maria Zenilda. A instituição literária: Análise da legitimação da obra de Dyonelio Machado. Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 1997.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: LIMA, Luiz Costa (trad. e org.) A literatura e o leitor – Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KOHLRAUSCH, Regina. Os bastidores da candidatura à Academia Brasileira de Letras: a correspondência entre Zeferino Brazil e Dyonélio Machado. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha (Org.). Literatura, memória e história: travessias literárias. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012. p.175-187.

LAPERROUSAZ, Ernest-marie. Os Manuscritos do Mar Morto. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1992

MACIEL, Maria Esthers. As ironias da ordem - coleções, inventários, enciclopédias. Belo Horizontes: UFMG, 2010.

MACHADO, Dyonélio. O pensamento político de Dyonelio Machado. Coord. Escola do Legislativo “Deputado Romildo Bolzan”. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2006.

MACHADO, Dyonélio. [carta], 1955 ago. 09, Porto Alegre [para] Rachel de Queiroz [manuscrito]. Registro 000040038. CDD 928.69. DYM COR 0330

MACHADO, Dyonélio. Um pobre homem. Siglaviva: Brasília, 2017

MACHADO, Dyonélio. Fada. São Paulo: Editora Moderna, 1982.

MACHADO, Dyonélio. Deuses econômicos. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1976.

MACHADO, Dyonélio. Memórias de um pobre homem. Porto Alegre: IEL, 1990

MACHADO, Dyonélio. O Louco do Cati. Porto Alegre: Vertente Editora Ltda, 1979

MACHADO, Dyonélio. Desolação. São Paulo: Editora Moderna, 1981

MACHADO, Dyonélio. Os Ratos. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

MACHADO, Dyonélio. Proscritos. Brasília: Siglaviva, 2014

MACHADO, Dyonélio. O cheiro da coisa viva. (orgs.), introd. e notas de Maria Zenilda Grawunder. Rio de Janeiro: Graphia, 1995.

MACHADO, Dyonélio. “Eduardo Guimarães: o poeta continua conosco”. Correio do Povo. Caderno de Sábado, ano 8, n. 592, v. 92, 1 dez. 1979. (Discurso de posse na Academia Rio-Grandense de Letras)

MALLARMÉ, Stephané. Prosas de Mallarmé. Porto Alegre: Editora Paraula, 1995

MAYA, Alcides. Ruínas Vivas. Porto Alegre: Movimento/UFSM, 2002

MOREYRA, Álvaro. *As amargas, não...* Porto Alegre: IEL, 1990

MOISÉS, Leila Perrone. *Texto, Crítica, Escritura*. São Paulo: Editora Ática, 1978.

RAABE, Camilo Mattar. *Os proscritos de Dyonélio Machado*. Porto Alegre: PUCRS, 2014

AGUIAR, Vera Teixeira de; Raabe, Camilo Mattar; Piccini, Maurício; Colonetti, Milton. *Com a palavra: Dyonélio Machado – Porto Alegre* : EDIPUCRS, 2014

RAABE, Camilo Mattar. *Criação literária por Dyonélio Machado: a gênese de Os Ratos*. In: *Revista da Graduação: publicações de TCC*, Porto Alegre, v.4, n.2, Dados eletrônicos, 2011.

RAABE, Camilo Mattar. *O alvorecer da Terceira vigília: romance inédito de Dyonelio Machado*. In: *Anais do IX Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa. [Des]limiars da Linguagem*, p.118-123. Porto Alegre: PUCRS, 2016

TILL, Rodrigues. *Dyonélio Machado. O Homem - A obra*. Porto Alegre, E.R.T. Edições, 1995